

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

RAQUEL BALLI CURY
FERNANDA PEREIRA MARTINS
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora

Ano 2020

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

**RAQUEL BALLI CURY
FERNANDA PEREIRA MARTINS
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Raquel Balli Cury
Fernanda Pereira Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

l61 Interconexões: saberes e práticas da geografia 2 /
Organizadoras Raquel Balli Cury, Fernanda Pereira
Martins. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-611-9

DOI 10.22533/at.ed.119202611

1. Geografia. 2. Interconexões. 3. Práticas. I. Cury,
Raquel Balli (Organizadora). II. Martins, Fernanda Pereira
(Organizadora). III. Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

As relações que se desenvolvem no espaço geográfico são múltiplas e, complexas, abrangendo as diversas dimensões que compõem a realidade, a exemplo do contexto político, econômico, ambiental, cultural e social, e que devem ser analisados em interação.

E, assim, por ser todo homem agente transformador do espaço em que está inserido se faz necessário que ele amplie a sua consciência sobre os fatos em curso, até mesmo para que seu papel se dê de forma mais efetiva.

Para que isso aconteça é essencial oportunizar e ampliar cada vez mais o debate científico acerca do espaço geográfico, que é o objeto da Ciência Geográfica.

Nesse sentido apresentamos o segundo volume da obra “Interconexões: saberes e práticas da Geografia” no qual competentes profissionais puderam divulgar e expandir o acesso às suas pesquisas, fazendo com que esses valorosos conteúdos alcançassem estudiosos e leitores interessados em desvendar as relações que se desenvolvem no espaço geográfico.

Com competência e dedicação, os autores de cada capítulo desta obra apresentam um prolífico palco de discussões através de estudos de casos, relatos de experiências pedagógicas e revisões bibliográficas compostos por saberes associados aos mais variados caminhos da Ciência Geográfica.

Este volume está dividido em 3 momentos distintos da produção do conhecimento. Do capítulo 1 até o capítulo 5 os textos são referentes ao Ensino da Geografia, saberes e práticas. Os capítulos 6, 7 e 8 apresentam discussões que estão compreendidas no campo das Ciências Exatas e Agrárias em que se insere a Geografia Física e suas subáreas conforme Tabela de Áreas do Conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Do capítulo 9 até o capítulo 20, encontram-se as reflexões no campo das Ciências Humanas, onde está inserida a Geografia Humana e suas subáreas, também conforme tabela supracitada.

Dessa forma, esta coletânea de artigos ressalta a diversidade temática e metodológica da Ciência Geográfica por meio de saberes interconectados capazes de apontar perspectivas no âmbito educacional, econômico, ambiental, cultural ou social.

Esperamos que o resultado dos estudos publicados com todo zelo e cuidado pela Atena Editora, despertem a criticidade e, ao mesmo tempo, ofereçam um momento prazeroso a todos os leitores.

Raquel Balli Cury e Fernanda Pereira Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) NO PROCESSO FORMATIVO DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Leila Procópio do Nascimento
Felipe Terra de Oliveira Silva
Jéssica Silveira de Vasconcelos
Mateus Alves Garcia

DOI 10.22533/at.ed.1192026111

CAPÍTULO 2..... 13

APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA INFANTIL: UMA PROPOSIÇÃO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS SOBRE AS REGIÕES BRASILEIRAS À LUZ DA OBRA 'NA COZINHA DO CHEF BRASIL'

Leila Procópio do Nascimento
Débora Vieira da Silva
Bianca dos Santos Mondo

DOI 10.22533/at.ed.1192026112

CAPÍTULO 3..... 21

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE EM GEOGRAFIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DO CONTEÚDO DE RECURSOS HÍDRICOS

Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Carolina dos Santos Camargos
Renata Pereira Prates

DOI 10.22533/at.ed.1192026113

CAPÍTULO 4..... 35

GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DEMANDAS E DESAFIOS NA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

André Luiz Bezerra da Silva

DOI 10.22533/at.ed.1192026114

CAPÍTULO 5..... 42

O CINEMA, A GEOGRAFIA E A SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DOCENTE NO COLÉGIO TÉCNICO DA UFMG

Thiago Macedo Alves de Brito

DOI 10.22533/at.ed.1192026115

CAPÍTULO 6..... 57

AIREHG: UMA EMERGÊNCIA DO SÉCULO XXI

Reginaldo Gouveia dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.1192026116

CAPÍTULO 7	72
BALANÇO HÍDRICO CLIMATOLÓGICO ANUAL DA MICRORREGIÃO DE RECIFE, PERNAMBUCO	
Gabriel Victor Silva do Nascimento	
Eberson Pessoa Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.1192026117	
CAPÍTULO 8	95
FAUNA DE ABELHAS (<i>HYMENOPTERA</i> , <i>APIDAE</i>) NO PARQUE MUNICIPAL DAS ARAUCÁRIAS, GUARAPUAVA, PR	
Glauco Nonose Negrão	
DOI 10.22533/at.ed.1192026118	
CAPÍTULO 9	105
A DEFESA DO ATLÂNTICO SUL E OS CAMPOS DE PRÉ-SAL: DESAFIOS DA GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGIA BRASILEIRA	
André dos Santos Alonso Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.1192026119	
CAPÍTULO 10	115
A DINÂMICA URBANA DA TUBERCULOSE EM MARINGÁ – PARANÁ – BRASIL: 2010 a 2016	
Antonio de Oliveira	
Arlêude Bortolozzi	
DOI 10.22533/at.ed.11920261110	
CAPÍTULO 11	135
A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E AS DINÂMICAS IMOBILIÁRIAS EM TEMPOS DE CRISE ECONÔMICA NO BRASIL: O CASO DE JUIZ DE FORA/MG	
Andreia de Souza Ribeiro Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.11920261111	
CAPÍTULO 12	145
A INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM NA DEFINIÇÃO DE PERCURSOS DE ECOTURISMO NO SUDOESTE DE PORTUGAL	
Teresa Lúcio Sales	
Carla Maria Rolo Antunes	
André Botequilha Carvalho Leitão	
Rosário Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.11920261112	
CAPÍTULO 13	153
ÁREAS CRÍTICAS A ACIDENTES COM TRANSPORTE DE PRODUTOS PERIGOSOS NO TRECHO ALAGOANO DA RODOVIA BR-101	
Esdras de Lima Andrade	
Silvana Quintella Cavalcanti Calheiros	
DOI 10.22533/at.ed.11920261113	

CAPÍTULO 14	173
DA GENTRIFICAÇÃO TURÍSTICA EM LISBOA	
Luís Filipe Gonçalves Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.11920261114	
CAPÍTULO 15	186
DAVID HARVEY: O GEÓGRAFO MAIS CITADO DO MUNDO	
Eliel Ribeiro dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.11920261115	
CAPÍTULO 16	199
DEFINIÇÕES DE CIDADES MÉDIAS NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL BRASILEIRA	
Victor Régio da Silva Bento	
DOI 10.22533/at.ed.11920261116	
CAPÍTULO 17	212
IMAGEM E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: MANAUS VISTA A PARTIR DE CARTÕES POSTAIS	
Luana Castro da Silva	
Caren Michels	
DOI 10.22533/at.ed.11920261117	
CAPÍTULO 18	227
O AERÓDROMO MUNICIPAL DE PONTE DE SOR COMO MOTOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL/ REGIONAL	
António Oliveira das Neves	
Raul Jorge dos Santos Marques	
DOI 10.22533/at.ed.11920261118	
CAPÍTULO 19	234
SEMELHANTES, MAS DIFERENTES: ANÁLISE EXPLORATÓRIA E COMPARATIVA DAS POLÍTICAS DE HABITAÇÃO EM PORTUGAL E ITÁLIA	
Gonçalo Antunes	
Caterina Francesca Di Giovanni	
DOI 10.22533/at.ed.11920261119	
CAPÍTULO 20	243
TÉCNICA E CIÊNCIA COMO DISPOSITIVOS DE AÇÃO EM CONFLITO URBANO- AMBIENTAL	
Ana Cristina de Mello Pimentel Lourenço	
Luiza Pereira Machado	
Ruth Osório de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.11920261120	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	258
ÍNDICE REMISSIVO	259

DEFINIÇÕES DE CIDADES MÉDIAS NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL BRASILEIRA

Data de aceite: 01/12/2020

Victor Régio da Silva Bento

Universidade Federal do Acre. Lotado no Curso de Licenciatura em Geografia. PROPGeo/UECE

RESUMO: As cidades médias estão se tornando assentamentos humanos altamente relevantes em suas redes urbanas. Esses núcleos têm recebido fluxos crescentes de capitais, bem como mobilidade populacional que contribuem para as transformações em suas influências regionais e estruturas internas. A inserção da Amazônia brasileira na divisão internacional do trabalho tem promovido mudanças em seu sistema urbano com o aumento do número de cidades intermediárias cuja polarização se dá na dimensão ampla da floresta. O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre o papel e a definição das cidades médias na Amazônia Sul-ocidental brasileira. Os procedimentos metodológicos desta pesquisa consistirão na interpretação de dados demográficos, polarização e economia extraídos de documentos oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As variáveis foram organizadas em índices resultando em uma proposta de definição das cidades enquadradas nesta abordagem conceitual no recorte territorial analisado.

PALAVRAS-CHAVE: Cidades médias, Amazônia Sul-ocidental, Polarização.

MEDIUM-SIZED CITIES DEFINITONS IN THE SOUTHWESTERN BRAZILIAN AMAZON

ABSTRACT: Medium-sized cities are becoming highly relevant human settlements in their urban systems. These cities have received increasing flows of capital as well as population mobility that contribute to the transformations in their regional influences and internal structures. The insertion of the Brazilian Amazon in the international division of the labour promoted changes in its urban system with the increase of the number of medium-sized cities whose polarization is made in the wide dimension of the forest. The purpose of this article is to present a reflection on the role and definition of medium-sized cities in the Southwestern Amazon. The methodological procedures of this research will consist of interpreting demographic, polarization and economy data extracted from official IBGE documents. The variables were organized into indexes, resulting in a proposal to define the cities included in this conceptual approach, based on the analysed territory.

KEYWORDS: Medium-sized cities, South-Western Amazon, Polarization

1 | INTRODUÇÃO

A Amazônia Sul-ocidental é concebida neste trabalho como a região de influência de Porto Velho e abrange a um conjunto de 84 municípios dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas e Mato Grosso. Esse sistema urbano cobre um território de aproximadamente

665.638 km² onde se distribui uma população de 2.502.596 habitantes e uma taxa de urbanização de 72,16% (IBGE, 2010). Tal porção do bioma amazônico passou por diversas reconfigurações em decorrência dos ciclos econômicos da borracha e da mineração, bem como pela integração territorial com a implantação de estradas, projetos de colonização, construção de hidrelétricas e expansão da fronteira agrícola. A inserção desse território no meio técnico-científico informacional (Santos & Silveira, 2001) promoveu transformações nas atividades econômicas e atraiu fluxos migratórios das demais regiões brasileiras. O aumento demográfico levou ao crescimento e formação de cidades, algumas delas podem ser classificadas como cidades médias.

A importância das cidades médias no contexto regional do sudoeste amazônico é muito recente se comparada a outras regiões do Brasil, visto que antes da década de 1960 não existiam centros urbanos nesta categoria. Esses núcleos cresceram no contingente demográfico, bem como nas atividades econômicas, resultando em mudanças em seus papéis, na oferta de serviços e na atração de suas áreas de influência.

Diante do exposto, o objetivo principal deste trabalho é categorizar os centros urbanos considerados de médio porte no fragmento geográfico da Amazônia Sul-Occidental brasileira. Como objetivos específicos, pretende-se compreender as diversas formas de caracterização das cidades médias e interpretar indicadores sintéticos que permitam uma análise conjunta das variáveis contribuintes para essa definição conceitual.

Portanto, será necessária uma revisão bibliográfica sobre o conceito de cidade média considerando os seguintes critérios: demografia, polarização e economia. Cada um dos critérios fornecerá indicadores que podem ser compilados e convertidos em índices, os quais serão utilizados para justificar se as cidades destacadas são de fato cidades médias, se são emergentes, incompletas ou não se enquadram neste conceito. A partir dessa delimitação teórico-metodológica, pretende-se verificar o papel das principais cidades da Amazônia Sul-occidental, e a dinâmica de sua rede urbana.

2 | SOBRE CIDADES MÉDIAS

Existe uma vasta literatura sobre a denominação cidade média e sua multiplicidade conceitual. Soares e Ueda (2006) destacam que vários sinônimos são utilizados para definir esses núcleos populacionais, indicando as seguintes terminologias: cidade intermediária, cidade regional, centro regional ou mesmo cidade de médio porte.

Corrêa (2007) discute três dificuldades para a concepção de cidade média: o tamanho demográfico absoluto, que varia entre países e regiões; a escala espacial de referência que, ao ser modificada, faz perder o sentido de uma cidade como dimensão média em relação às demais; e o recorte temporal que interfere tanto na dimensão populacional ao longo das décadas, quanto na importância dinâmica de uma cidade em relação à sua região.

O conjunto dos centros urbanos considerados médios devido à sua influência econômica e articulação regional vem apresentando rápido crescimento populacional, sendo vetores de fluxos migratórios que antes se deslocavam prioritariamente para as grandes cidades. Além da diversidade econômica, essas cidades possuem modernas redes de transporte e informação, sendo pontos de difusão da inovação global em suas áreas de influência: “o processo de globalização e o desenvolvimento tecnológico redefiniram o papel das cidades médias ou intermediárias na organização urbana, levando em conta sua vitalidade econômica” (Soares, 1999, p. 55).

Sposito (2007, p. 79) reconhece que as cidades médias apresentam semelhanças na dinâmica da produção espacial quando comparadas às metrópoles: “Trata-se do fato de o mundo urbano estar fortemente associado aos ideais de moderno e novo e estes, por sua vez, têm sido associados à vida metropolitana. “As características comuns incluem a demolição de edifícios antigos para assimilação de novos usos imobiliários, a construção de condomínios fechados e a introdução de grandes espaços de consumo e lazer.

A atratividade desses centros urbanos para a construção de novos padrões de construção residencial e comercial advém do baixo preço dos terrenos disponíveis e bem localizados em comparação com as grandes cidades. Outro fator deriva da extensão territorial das cidades médias, com menor área edificada e *urban sprawl* quando comparadas às metrópoles. Esta característica evita grandes deslocamentos e facilita a fragmentação do tecido urbano sem grandes problemas em termos de distância e em relação aos gastos com a implantação de infraestruturas (Sposito, 2006).

Em algumas situações, surgem sistemas urbanos decorrentes da conurbação entre duas ou mais cidades médias e pequenas. O Brasil tem como exemplos as aglomerações de Volta Redonda-Barra Mansa, Petrolina-Juazeiro, Cuiabá-Várzea Grande, Ipatinga-Coronel Fabriciano-Timóteo, Juazeiro do Norte-Crato, entre outras (SOUZA, 2011). Ao menos três critérios podem ser utilizados para definir as cidades médias: demografia, polarização e economia.

O critério **demográfico** se constitui como um primeiro esforço para caracterizar as cidades médias. Esta abordagem tem dificuldades de aplicação ao comparar realidades nacionais diversificadas, em termos da população total, da concentração dessa população em áreas urbanas ou mesmo do domínio de uma cidade primária que influencia toda a rede urbana de um país (CORRÊA, 2007). Assim, a posição intermediária das cidades do Uruguai ou Paraguai será bem diferente de países com mais população como Brasil, Colômbia e Argentina.

Santos (2005) colabora com essa constatação ao analisar a seguinte questão: Cidades com mais de 20.000 habitantes podem ser classificadas como médias? A utilização e interpretação de séries estatísticas surge como um problema para esta definição, pois o critério quantitativo apresenta significados diferentes em momentos distintos. O que é chamado de cidade média em um determinado período pode não ser considerada a mesma

em outro recorte temporal. Numa época em que a população nacional é demograficamente pequena, uma cidade com aproximadamente 20.000 habitantes poderia ser classificada como média, mas em grandes números populacionais, uma cidade deve ter uma população em torno de 100.000 habitantes para se enquadrar nessa categoria. Isso não invalida as metodologias estatísticas, mas sugere cautela em seu uso.

O critério de **polarização** pode ser definido pelo conjunto de conexões que uma cidade possui com sua vizinhança, seja na provisão de bens e serviços, seja pela conexão com sistemas de transporte, telecomunicações ou mesmo transações bancárias. Essas afirmações são direcionadas ao pensamento de Christaller (1933) em sua Teoria dos Lugares Centrais, amplamente utilizada para a definição de hierarquias urbanas.

No caso brasileiro, verifica-se o trabalho do IBGE (2007) denominado “Regiões de Influência das Cidades”. Esta análise determinou a polarização e delimitou as áreas de comando dos centros urbanos a partir das atividades federais e de gestão empresarial, bem como pela atração do setor de serviços. Em seguida, foram identificados os pontos do território a partir dos quais as decisões são emitidas em uma escala hierárquica que parte das metrópoles nacionais até os centros locais.

O terceiro critério utilizado para definir as cidades médias é o **econômico**. Conforme teorizado por Sposito e Goes (2013), é necessário ir além dos parâmetros populacionais e, assim, considerar os papéis desempenhados pelas urbes na divisão do trabalho como um indicador de caracterização das cidades intermediárias. Para Santos e Silveira (2001), foi a formação de um mercado consumidor nacional que fortaleceu as relações entre as cidades brasileiras, possibilitando, de fato, a formação de uma rede urbana. As cidades médias, em geral, tinham então seus perfis funcionais orientados pelos interesses da distribuição da produção de bens em escala nacional. Assim, o consumo teve um papel mais importante na redefinição dos papéis desses núcleos do que a própria produção industrial.

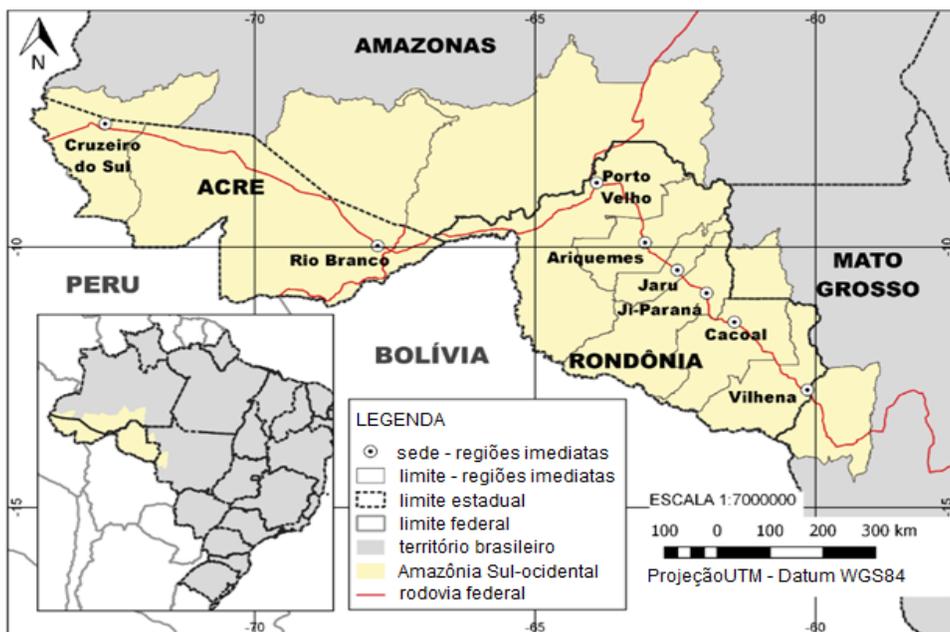
Sposito (2007) aponta os principais processos que redefinem o papel das cidades médias na rede urbana brasileira: 1) concentração e centralização econômica do sistema capitalista, redefinindo a importância das cidades de diferentes tamanhos; 2) melhoria e diversificação dos sistemas de transportes e telecomunicações, favorecendo a mobilidade territorial e reforçando o papel das cidades médias como fornecedoras de bens e serviços; 3) as formas contemporâneas de comercialização como shopping centers, hipermercados e filiais grandes redes varejistas se deslocaram das metrópoles para os outros estratos da hierarquia urbana e; 4) a modernização do setor agrícola e sua cadeia produtiva dinamizaram os centros intermediários.

Parte-se da discussão conceitual dos critérios demográficos, de polarização e econômicos para entender o papel das cidades médias na Amazônia Sul-ocidental.

3 I CIDADES MÉDIAS NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL

O IBGE (2013) fez um recorte do território brasileiro em três diferentes níveis de articulação urbana. As regiões identificadas na proposta metodológica deste instituto são formadas a partir de um município-sede, que comanda sua região e intermedia as relações entre agentes e empresas em suas respectivas áreas de influência. O primeiro nível de organização é denominado “Regiões Ampliadas de Articulação Urbana”, referindo-se às 14 cidades que estruturam e integram os fluxos socioeconômicos no território brasileiro: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Goiânia, Cuiabá, Recife, Salvador, Fortaleza, Curitiba, Porto Alegre, Belém, Manaus e Porto Velho. O primeiro nível subdivide-se secundariamente em 161 “Regiões de Intermediárias de Articulação Urbana” e posteriormente fragmenta-se no terceiro nível em 482 “Regiões Imediatas de Articulação Urbana”, ou seja, áreas de influência para o deslocamento da população em busca de serviços de menor complexidade.

Entende-se, neste estudo, que a Amazônia Sul-ocidental equivale à Região Ampliada de Articulação Urbana de Porto Velho. Foram selecionadas as cidades-sede das Regiões Imediatas de Articulação Urbana desse território para estipular uma classificação de cidades médias, são elas: Porto Velho, Rio Branco, Cruzeiro do Sul, Ariquemes, Jaru, Ji-Paraná, Cacoal e Vilhena, conforme mostra o mapa 1



Mapa 1 – Amazônia Sul-ocidental e suas Regiões Imediatas de Articulação Urbana

Fonte: IBGE, Bases Cartográficas, 2020.

No que concerne ao tamanho demográfico verificou-se o processo de ocupação da Amazônia Sul-ocidental, entendendo que a integração desse recorte territorial a área mais dinâmica do Brasil ocorreu a partir da década de 1970. A expansão das atividades industriais, logísticas e de consumo modificou o perfil regional, antes predominantemente extrativista e incidiu na hierarquia urbana, aumentando o número de municípios com porte populacional superior a 20 mil habitantes. A Tabela 1 mostra a evolução municipal na área de estudo

Classes de população	1960	1970	1980	1991	2000	2010	2019*
Até 5 000	-	-	1	1	9	8	6
De 5.001 até 10.000	1	1	6	5	17	17	16
De 10.001 até 20.000	9	7	4	13	32	31	28
De 20.001 até 50.000	2	4	7	15	17	18	22
De 50 001 até 100.000	1	2	4	7	5	6	6
De 100.001 até 500.000	-	-	3	2	3	3	3
Más de 500.000	-	-	-	-	-	-	1
Total de municípios	13	14	25	43	83	84	84

Tabela 1 - Evolução municipal da Amazônia Sul-Occidental, 1970-2019.

Fonte: IBGE, Censos demográficos, 1970-2010. *Estimativa para 2019.

O crescimento populacional na porção sul-ocidental da Amazônia resultou em desmembramentos territoriais, bem como no aumento do número de municípios em classes populacionais acima de cinquenta mil habitantes. Entre as décadas de 1980 e 2000 houve uma intensa fragmentação, elevando o número de municípios de 25 para 83. Somente em Rondônia foram acrescidas 45 novas sedes municipais nesse recorte temporário, fator que mostra o avanço da a fronteira agrícola após a inauguração da rodovia BR-364 nos anos 1970.

O crescimento total da população entre 1980-2000 foi de aproximadamente 234%, enquanto a população urbana aumentou 346%. Essa expansão populacional total e urbana foi direcionada, principalmente, para os municípios entre 10 e 50 mil habitantes. Analisando as regiões imediatas de articulação urbana (Tabela 2), percebe-se a variação demográfica existente nos municípios-sedes e em suas áreas de influência.

A concentração populacional no município-sede retrata uma assimetria entre núcleo e hinterlândia, sendo esse processo mais intenso em Porto Velho e Jarú (contendo 69,60% e 63% do total da população de suas regiões). Em contrapartida, Ji-Paraná e Cacoal apresentam menor disparidade demográfica entre a população total da sede e da região de influência (38,12% e 26,52%, respectivamente).

Regiões Imediatas de Articulação Urbana	População Total (Região)	População Urbana (Região)	Taxa de Urbanização (Região)	População Total (Sede)	População Urbana (Sede)	Taxa de Urbanização (Sede)
Cruzeiro do Sul	167.733	92.609	55,21	78.507	55.326	70,47
Rio Branco	650.852	485.208	74,55	336.038	308.545	91,82
Porto Velho	615.740	518.506	84,21	428.527	390.733	91,18
Ariquemes	222.668	143.959	64,65	90.353	76.525	84,70
Jaru	82.550	42.649	51,66	52.005	35.118	67,53
Ji-Paraná	305.927	201.820	65,97	116.610	104.858	89,92
Cacoal	296.260	194.054	65,50	78.574	61.921	78,81
Vilhena	160.866	127.128	79,03	76.202	72.218	94,77
Amazônia Sul-ocidental	2.502.596	1.805.933	72,16	1.256.816	1.105.244	87,94

Tabela 2 - Indicadores demográficos das Regiões Imediatas de Articulação Urbana da Amazônia Sul-ocidental.

Fonte: IBGE, 2010. Adaptado pelo autor.

A análise do segundo critério – a polarização – foi embasada nas publicações do IBGE sobre a influência das cidades (1972, 1987, 1993, 2007 e 2018). Através desses documentos foi possível observar a dinâmica da rede urbana da Amazônia Sul-Occidental. No primeiro estudo, datado de 1966, constata-se que todo este território estava subordinado em primeiro plano à rede urbana de Belém, que era neste período a metrópole primaz amazônica. Na hierarquia dos centros urbanos brasileiros de 1987, houve mudanças no papel influenciador das cidades amazônicas e o sistema de cidades da floresta passa a ser polarizado por duas metrópoles regionais: Belém, que influencia a Amazônia Oriental e Manaus, que domina a porção ocidental. Nesse período, Porto Velho se encontrava no terceiro nível da hierarquia urbana, sendo caracterizado como centro sub-regional A, juntamente com Rio Branco, Santarém, Castanhal, Macapá e Imperatriz (IBGE, 1987).

Na REGIC de 1993, a cidade de Porto Velho passa a exercer um papel mais importante na porção sul da Amazônia Ocidental, sendo elevada à categoria de centro submetropolitano (IBGE, 1993). O destaque portovelhense na hierarquia urbana está relacionado com o desenvolvimento da rede de cidades em Rondônia e com sua conexão via estrada pavimentada com o Centro-Sul brasileiro. No estudo de 2007 foi constatada e hegemonia da capital rondoniense, exercendo influência sob 84 municípios. Já a REGIC de 2018 possibilitou construir uma análise mais atualizada, conforme mostra a Tabela 3.

Regiões Imediatas de Articulação Urbana	Classificação Hierárquica	Posição em nível hierárquico nacional	Total de cidades polarizadas
Porto Velho	Capital Regional - B	3	84
Ji-Paraná	Capital Regional - C	4	41
Rio Branco	Capital Regional - C	4	26
Cacoal	Capital Regional - C	4	24
Ariquemes	Centro Sub Regional - A	5	09
Vilhena	Centro Sub Regional - A	5	09
Cruzeiro do Sul	Centro Sub Regional - B	6	07
Jaru	Centro Sub Regional - B	6	04

Tabela 3 – Indicadores de polarização das regiões imediatas de articulação urbana da Amazônia Sul-Occidental

Fonte: IBGE, 2018. Adaptado pelo autor.

Porto Velho é o principal centro da Amazônia Sul-Occidental, polarizando os 84 municípios desse fragmento territorial. É Capital Regional - B, terceiro nível da hierarquia urbana nacional, logo abaixo das metrópoles e das Capitais Regionais – A. Apesar de ser uma cidade amazônica, a cidade mantém relações comerciais e institucionais mais fortes com São Paulo do que com Manaus.

No próximo nível, o da Capital Regional - C, estão Rio Branco, Ji-Paraná e Cacoal. A capital acreana, em sua condição de sede de unidade federativa se posiciona como uma cidade influente na provisão de bens e serviços para sua área polarizada que inclui 26 municípios nos estados do Acre e Amazonas. Ji-Paraná e Cacoal apresenta uma importância para todo o centro rondoniense, sendo que a primeira influencia um sistema imediato de cidades maior que Rio Branco e é uma urbe provedora de serviços para uma região de significativa produção agropecuária.

No nível de Centro Sub-Regional A, Ariquemes se destaca, agrupando nove municípios e subordinado diretamente à Porto Velho. Vilhena também está incluída nessa categoria, exercendo influência para nove municípios do sul de Rondônia e oeste mato-grossense. Na condição de Centro Sub-Regional B está Cruzeiro do Sul, influenciado por Rio Branco e polarizando sete municípios do extremo oeste da Amazônia. Jaru compartilha esse nível hierárquico, estando sob influência direta de Ji-Paraná e agrupando quatro municípios que dependem dos bens e serviços prestados por esta sede.

O terceiro critério utilizado para definir as cidades médias é de viés econômico. Dentre as consequências da inserção do meio técnico-científico-informacional na Amazônia Sul-occidental verifica-se o crescimento das atividades produtivas industriais e a expansão do setor de comércio e serviços. A transformação da vocação econômica foi

sentida principalmente nas cidades médias, tendo maior visibilidade naquelas com maior concentração demográfica na rede urbana. A Tabela 4 mostra os indicadores econômicos para o território do sudoeste amazônico, demonstrando a participação de seus polos e suas respectivas regiões de articulação urbana.

Regiões Imediatas de Articulação Urbana	Produto Interno Bruto Total (Região)*	Produto Interno Bruto Total (Sede)*	Participação da sede no PIB Total regional	Produto Interno Bruto – Indústria e Serviços (Sede)	Renda per capita (Sede)
Cruzeiro do Sul	1,27	0,77	60,63	120.056	1.859
Rio Branco	7,42	5,13	69,14	1.015.412	4.401
Porto Velho	10,7	9,09	84,95	1.276.785	4.078
Ariquemes	2,72	1,36	50,00	310.238	4.604
Jaru	1,11	0,81	72,97	182.976	4.143
Ji-Paraná	3,95	1,86	47,09	445.599	4.764
Cacoal	3,70	1,19	32,16	300.695	5.051
Vilhena	2,80	1,45	51,79	288.836	6.440
Amazônia Sul-ocidental	33,67	21,66	64,33	3.940.597	4.418

Tabela 4 - Indicadores econômicos das regiões imediatas de articulação urbana da Amazônia Sul-ocidental

* Produto Interno Bruto em milhões de reais (IBGE, 2010)

Fonte: IBGE, 2010. Adaptado por el autor.

Porto Velho e Rio Branco destacam-se por possuir as Regiões Imediatas de Articulação Urbana com maior Produto Interno Bruto e, juntas, correspondem a mais da metade do PIB do da Amazônia Sul-Occidental (53,82%). Ariquemes, Ji-Paraná e Cacoal apresentam uma desconcentração do PIB em suas regiões, dessa forma, a riqueza fica mais bem distribuída entre os municípios subordinados a esses centros.

A participação mais expressiva no PIB das atividades produtivas urbanas (indústria e serviços) é evidenciada nas capitais de Rondônia e Acre. Em relação ao PIB per capita, observa-se que existe uma grande disparidade entre as cidades destacadas. Cacoal e Vilhena são os locais com maior renda por habitante, superando o padrão de vida de Porto Velho e Rio Branco. Em contrapartida, Cruzeiro do Sul apresenta o menor nível de riqueza per capita e PIB total de todas as cidades verificadas, indicando enfraquecimento de sua economia. Esse fator pode ser explicado em função de sua distância espacial e das dificuldades de acesso ao restante da rede urbana amazônica.

4 | ANÁLISE COMBINADA DOS CRITÉRIOS

Após a interpretação individual dos critérios demográficos, de polarização e econômicos, o trabalho continua com a elaboração de índices sintéticos para agrupar e padronizar e as variáveis destacadas. A etapa de transformação das variáveis consistiu na aglutinação dos dados presentes nos indicadores, por meio da utilização de fórmulas para sintetizar cada uma delas em índices. Essa transformação deu-se a partir da utilização da fórmula de máximo e mínimo, que normalizou os indicadores para uma escala de zero a um.

Para esta etapa, a seguinte fórmula é aplicada. $VN_{ij} = 1 - (MVi - Vij) / (MVi - mVi)$, onde: VN_{ij} = valor normalizado na escala de 0 a 1 do indicador i no local j ; MVi = maior valor obtido pelo indicador i de todos os cortes geográficos; mVi = menor valor obtido pelo indicador i entre todos os cortes geográficos; Vij = valor obtido pelo indicador i no lugar j .

Esse procedimento resultou em valores normalizados para cada um dos de indicadores que compõem os três critérios, gerando os seguintes índices: Índice Demográfico – ID (indicadores: População Total “Região” + População Urbana “Região” + Taxa de Urbanização “Região” + População Total “Sede” + População Urbana “Sede” + Taxa de Urbanização “Sede” / 6); Índice de Polarização – IP (indicadores: Posição em nível hierárquico nacional + Total de cidades polarizadas / 2) e; Índice Econômico – IE (indicadores: Produto Interno Bruto Total “Região” + Produto Interno Bruto Total “Sede” + Participação da sede no PIB Total regional + Produto Interno Bruto da Indústria e Serviços “Sede” + Renda per capita “Sede” / 5).

Após a etapa que promoveu a padronização dos indicadores, foi calculada a média aritmética entre os três critérios (ID + IP + IE), a qual resultou no Índice Geral – IG. O índice (IG) irá assumir qualquer valor de 0 a 1, mantendo uma classificação ordinal necessária para que se possa verificar se a cidade em questão tem potencial para ser classificada como média. Foi considerado nesta metodologia que nenhum dos três critérios selecionados se destaca como mais ou menos importante que outro. As variáveis assumem o mesmo peso, pois contribuem igualmente para a análise em questão.

A partir da posição geral no índice, podem ser elaboradas classificações para o conjunto de cidades médias, por exemplo: *de fato* – assumem características que as apontam como verdadeiras cidades médias em suas redes; *emergentes* – têm potencial para se enquadrarem como uma cidade média, mas em menor escala; *incompletas* – podem ter destaque em alguns dos critérios, mas não se classificam no conceito quando todas as variáveis são analisadas conjuntamente; *não se enquadram* – não possuem requisitos mínimos para esta aplicação conceitual. A Tabela 5 mostra os índices para cada um dos critérios destacados, bem como o Índice Geral (IG) e a classificação proposta para as cidades analisadas.

Cidade	Índice Demográfico (ID)	Índice de Polarização (IP)	Índice Econômico (IE)	Índice Geral (IG)	Classes de cidades médias
Porto Velho	0,950	1,000	0,757	0,902	De fato
Rio Branco	0,862	0,554	0,609	0,675	De fato
Ji-Paraná	0,493	0,648	0,438	0,526	Emergente
Cacoal	0,436	0,542	0,435	0,471	Incompleta
Vilhena	0,432	0,365	0,426	0,408	Incompleta
Ariquemes	0,420	0,365	0,372	0,386	Incompleta
Cruzeiro do Sul	0,336	0,286	0,196	0,273	Não se enquadra
Jaru	0,269	0,250	0,250	0,256	Não se enquadra

Tabela 5 - Indicadores sintéticos para definição de cidade média.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foi estabelecido o seguinte ranking para classificação das cidades médias: *De facto* = todos os três critérios e o Índice Geral acima de 0,500; *Emergente* = algum dos três critérios acima de 0,500 e o Índice Geral acima de 0,500; *Incompleta* = algum dos três os critérios entre 0,300 e 0,500 e o Índice Geral entre 0,300 e 0,500; *Não se enquadra* = algum dos três critérios abaixo de 0,300 e o Índice Geral abaixo de 0,300.

Porto Velho e Rio Branco são cidades médias *de fato*, pois atingem os maiores valores nos três critérios investigados e no Índice Geral. Desse modo, fica evidente o papel da capital de Rondônia como núcleo primário da rede urbana do sudoeste amazônico, seguida de Rio Branco como centro secundário de importância regional. Ji-Paraná se distancia do primeiro grupo de cidades, principalmente por critérios econômicos. No entanto, destaca-se como uma cidade média *emergente* pela sua ampla polarização e por ter atingido um patamar populacional de mais de 100.000 habitantes.

Entre as três cidades classificadas como médias *incompletas*, Cacoal se destaca pela polarização. Isso pode, no curto prazo, elevar a categoria de emergente. Porém, ela forma um grupo coeso com Vilhena e Ariquemes no que diz respeito à demografia e economia. Cruzeiro do Sul e Jaru expressam os menores valores em todos os critérios selecionados e no Índice Geral. Apesar da importância desses centros como provedores de bens e serviços para suas regiões imediatas, essas cidades são pouco expressivas para toda a rede urbana, sendo diretamente dependentes das cidades médias *de fato e emergente*. Portanto, as duas não se enquadram na abordagem conceitual traçada neste trabalho.

51 CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou identificar e demonstrar o papel das cidades médias como centros de relevância demográfica, econômica e polarizadora no contexto do Amazônia Sul-ocidental. Os índices sintéticos foram usados como uma tentativa metodológica de estabelecer uma classificação entre as cidades em destaque. A partir da análise conjunta dos critérios selecionados, verifica-se que o conceito de cidade média possibilita uma multiplicidade de percepções. Essa constatação decorre das variações existentes entre os centros urbanos enquadrados nesta tipologia. Assim, uma cidade pode cumprir todos os requisitos de um centro intermediário, mas outras podem atender apenas parcialmente.

É importante diferenciar as cidades médias *de fato* daquelas ainda *incompletas*, uma vez que a rede urbana é uma tessitura em constante mudança no espaço e no tempo, promovendo uma redefinição constante do papel dos seus núcleos. Dessa forma, o conceito não pode ser visto de forma estática e deve se considerar a dinâmica populacional e econômica, principalmente em regiões onde a ocupação é mais escassa e sujeita a mudanças rápidas, como a Amazônia.

REFERÊNCIAS

CHRISTALLER, W. **Os lugares centrais na Alemanha do Sul**. Tradução de Mario Antônio Eufrásio (versão preliminar). São Paulo, 1981. (Mimeo) (publicação original de 1933).

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. In: Maria Encarnação Beltrão Sposito (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Regiões funcionais urbanas**. Rio de Janeiro: IBGE 1972.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Regiões de influência das cidades**. Rio de Janeiro: IBGE 1987.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Divisão Urbano Regional**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 2005.

SANTOS, M., & SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001

SOARES, B. R. Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização. **Revista Formação**, Presidente Prudente, v. 1, n. 6, p. 55-63, 1999.

SOARES, P. R. R., & UEDA, V. Cidades médias e modernização do território no Rio Grande do Sul In: Maria Encarnação Beltrão Sposito (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SPOSITO, M. E. B. Loteamentos Fechados em Cidades Médias Paulistas - Brasil. In: Eliseu Savério Spósito, Maria Encarnação Beltrão Spósito, Oscar Sobarzo (org.). **Cidades médias: Produção do espaço** - 1 ed. São Paulo: Expressão Popular. 376 p. p. 175-196, 2007.

SPOSITO, M. E. B., & GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo, Editora Unesp, 2013.

SOUZA. M. L. **ABC do desenvolvimento urbano**. 6 ed. Bertrand Brasil, 2011

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelhas 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104
Aeronáutica 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233
Airehg 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69
Alojamento Local 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184
Amazônia Sul-Occidental 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210
Arrendamento 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 232, 234, 235, 236, 237, 238
Aulas 4, 5, 6, 7, 9, 14, 15, 16, 40, 42, 43, 45, 48, 53, 55, 196

B

Biogeografia 95, 104

C

Capitalismo 49, 51, 135, 136, 140, 144, 181, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 256, 258
Categorias Geográficas 21, 23, 25
Cidades Médias 135, 140, 144, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 209, 210, 211
Ciência 9, 15, 20, 23, 24, 27, 32, 35, 36, 38, 43, 48, 54, 57, 67, 68, 72, 92, 93, 135, 243, 244, 246, 251, 254, 255
Cinema 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 196
Conceitos 16, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 32, 33, 34, 50, 134, 173
Conflito Urbano-Ambiental 243, 244
Criticidade 23, 33, 153, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171

D

Defesa 105, 106, 108, 110, 113, 114, 181, 228, 229
Deficiência Hídrica 72, 75, 84, 87, 90, 91, 92
Deficiência Visual 35, 36, 38, 39

E

Educação Básica 2, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 21, 25, 32, 258
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 50, 55, 56, 123, 231, 232, 258
Espaço Urbano 115, 131, 135, 144, 146, 182, 189, 212, 217, 218, 224, 225, 243, 244, 246, 254, 255
Evapotranspiração 72, 75, 76, 81, 82

Excedente 72, 75, 76, 83, 84, 85, 86, 87, 190

G

Gentrificação 173, 175, 181, 182, 184, 240, 254, 256

Geoestratégia 105, 110, 112, 114

Geografia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 92, 93, 95, 98, 114, 115, 116, 133, 140, 144, 153, 159, 171, 172, 173, 183, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 210, 227, 240, 247, 258

Geopolítica Energética 105, 108, 113, 114

Geoprocessamento 153, 154, 160, 171, 172

H

Habitação Social 234, 235, 236, 237, 239, 240

I

Identidade 7, 25, 28, 29, 145, 147, 149, 212, 213, 214, 216, 225

Impactos Socioambientais 58, 59, 62, 66, 67, 69, 71

Inclusão 35, 36, 37, 38, 40, 41, 127, 129

Infraestrutura 1, 9, 10, 105, 115, 116, 118, 129, 130, 132, 137, 158, 171, 218, 221, 229, 245, 254

Iniciação à Docência 1, 2, 5, 8, 10, 11, 44

Investimento 10, 137, 173, 175, 176, 179, 181, 182, 227, 228, 229, 230, 232, 237, 239, 240

L

Literatura Infantil 13, 14, 15, 16, 20

M

Meio Ambiente 6, 57, 58, 64, 65, 67, 69, 70, 73, 105, 116, 153, 154, 155, 160, 188, 193, 195, 225, 244, 246, 248, 254, 258

P

Petróleo 105, 106, 107, 110, 111, 113, 114

PIBID 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 42, 44, 53

Planejamento 4, 5, 6, 8, 16, 19, 42, 44, 45, 53, 55, 73, 77, 91, 92, 118, 132, 154, 172, 247, 253, 257

Polarização 183, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 208, 209

Políticas de Habitação 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241

Políticas Urbanas 173, 174, 176

Pós-Modernidade 186, 187, 189, 191, 197

Produtos Químicos 153, 154, 156, 158, 163

R

Regiões Brasileiras 13, 14, 15, 16, 17, 200

S

Sala de Aula 7, 10, 17, 18, 23, 26, 27, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 53, 54

Seminário 11, 40, 42, 45, 46, 50, 52, 53, 54, 133, 152, 256

T

Técnica 20, 45, 46, 47, 48, 55, 56, 135, 158, 243, 244, 246, 251, 254, 255

Transporte Rodoviário 154, 158, 170, 171, 172

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 